
Geografias de uma pesquisa: a experiência investigativa em cidades do interior do Maranhão¹

Thays Assunção REIS²
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

O objetivo deste trabalho é relatar a experiência de pesquisa na cidade média de Imperatriz (MA) e em 18 pequenas cidades maranhenses pertencentes à sua região de influência entre os anos de 2017 e 2022. Trata-se de um relato produzido a partir do estudo “A cidade notícias: um estudo do jornalismo de influência regional de Imperatriz no Maranhão” (REIS, 2022), que investigou a função do jornalismo de uma cidade média perante a região em que estava inserido. O texto detalha os caminhos percorridos pela investigação, desde a escolha do tema até a entrada em campo, evidenciando os desafios de fazer uma pesquisa inserida no campo das Geografias da Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade Média; cidades pequenas; Imperatriz; Maranhão; experiência de pesquisa.

INTRODUÇÃO

No ano em que comemora-se os 15 anos do GP Geografias da Comunicação, ou “das geografias”, como é chamado pelos integrantes do grupo, é válido recuperar experiências de pesquisa ancoradas no diálogo da Comunicação com a Geografia. Nesse sentido, este texto relata as vivências em campo oriundas da tese “A cidade notícias: um estudo do jornalismo de influência regional de Imperatriz no Maranhão” (REIS, 2022), desenvolvida durante o doutorado em Comunicação no Programa de Pós-Graduação da UERJ.

A investigação, iniciada em 2017, teve como objetivo investigar os serviços de mídia da cidade média de Imperatriz, localizada no sudoeste do Maranhão, e a função do seu jornalismo no contexto regional. Para alcançar este propósito, realizamos um trabalho de campo sobre a comunicação midiática/jornalística de Imperatriz e mais 18 pequenas cidades da sua região de influência. As cidades estudadas foram: Amarante do Maranhão, Buritirana, Campestre do Maranhão, Cidelândia, Davinópolis, Estreito, Governador

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação - Sessão “Saudades do Futuro: 15 anos de pesquisas do Geografias da Comunicação. Homenagens à Sonia Virginia Moreira e Armando Correa da Silva”, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz. E-mail: thays.assuncao@ufma.br

Edison Lobão, João Lisboa, Lajeado Novo, Montes Altos, Porto Franco, Ribamar Fiquene, São Francisco do Brejão, São João do Paraíso, São Pedro da Água Branca, Senador La Rocque, Sítio Novo e Vila Nova dos Martírios.

Metodologicamente, a pesquisa foi construída a partir do aporte teórico-metodológico do estudo de caso (YIN, 2001) e da triangulação metodológica (DUARTE, 2009; FLICK, 2004; OLIVEIRA, 2015), associado ao emprego de quatro procedimentos de coleta de dados empíricos: 1) mapeamento dos veículos de comunicação em funcionamento nas cidades investigadas; 2) entrevistas semiestruturadas com os jornalistas de Imperatriz; 3) *survey* com os moradores de Imperatriz e de duas cidades na sua região de influência; e 4) análise de conteúdo dos produtos jornalísticos.

Com base nisso, descrevemos aqui como a pesquisa se organizou, a escolha do tema, a delimitação do recorte geográfico, o estabelecimento dos procedimentos e instrumentos de coleta de dados, as situações vivenciadas em campo, incluindo os desafios e negociações entre a pesquisadora e os sujeitos participantes.

PREPARANDO O MAPA DA PESQUISA

Quando iniciei a minha pesquisa sobre jornalismo regional tinha acabado de conhecer o campo das Geografias da Comunicação. Foi em 2017, durante a disciplina de Tópicos Especiais – Geografias da Comunicação, ministrada pela prof^a. Sonia Virgínia no PPGCOM da UERJ, que tive meu primeiro contato com autores da geografia e conceitos geográficos, como de espaço, escala, cidades, território, região, entre outros. Mas não sabia qual deles utilizar para fundamentar o meu trabalho. Me sentia “perdida” e insegura diante as possibilidades apresentadas pela nova área. Foi então que a Sonia, em uma das nossas orientações, me questionou: “Por que você não pesquisa as cidades médias?” A partir dessa pergunta, comecei a ler sobre o assunto e descobri a importância dessas cidades na rede urbana brasileira e, principalmente, as funções que desempenham regionalmente. Segundo Sposito (2017), as cidades médias, denominadas de centros regionais,

[...]são pensadas como uma espécie de elo entre aquilo que é o comando da hierarquia urbana e a base, quer dizer, as cidades pequenas, pelo tamanho, elas não têm bens e serviços em diversidade muito grande, então elas vão ser servidas, seus moradores também vão ser servidos desses bens e serviços nessas cidades intermediárias, já que essa população está distante da metrópole e não vai poder ascender à metrópole para serviços, como serviços de saúde, ensino superior, enfim (SPOSITO, 2017, s/p).

Reforçando esta percepção, Lima (2017, p.15) defende que as cidades médias, independente de seus tamanhos, desempenham um “comando regional” por possuírem “capacidades produtivas, com funcionalidades diversas e inseridas dentro dos diferentes circuitos de investimentos capitais, tomando por base, suas potencialidades regionais e respaldadas por diferentes interações espaciais”. São, portanto, locais que exercem influência em uma determinada região.

Baseado nessas e outras preposições da Geografia, passei a refletir sobre o caráter singular que a atividade jornalística poderia adquirir nas “cidades médias não metropolitanas” (aquelas que não são capitais estaduais ou estão localizadas em áreas metropolitanas). Acreditava que o jornalismo nesses locais funcionava como uma referência para as pequenas cidades do entorno, responsável por produzir e distribuir notícias sobre a região, e, ao mesmo tempo, reproduzir as informações oriundas de veículos jornalísticos dos grandes centros urbanos e das agências de notícias.

Perseguindo esta ideia, precisava escolher as cidades médias para serem investigadas. Inicialmente, pretendia realizar uma pesquisa nacional, com uma cidade média representativa de cada região do país. Mas quando percebi que o objeto precisava contemplar também as cidades pequenas do entorno, fiz um recorte voltado para a região a qual o meu estado de origem (o Maranhão) estava inserido – a Amazônia Legal³. Deste território, selecionei três cidades médias localizadas em estados vizinhos (Maranhão, Tocantins e Pará) para facilitar os deslocamentos durante a minha ida à campo. As escolhidas foram: Imperatriz (MA), Araguaína (TO) e Marabá (PA). Definida esta parte, faltava ainda selecionar as pequenas cidades. Para isso, recorri ao documento Regiões de Influência das Cidades (REGIC, 2018) do IBGE (2020), pois ele mostra os centros urbanos de menor hierarquia ligados e subordinados as cidades médias estudadas. A partir da publicação, selecionei 18 pequenos municípios da região de Imperatriz, 16 de Araguaína e 13 de Marabá, totalizando 47 localidades. Ao final, o universo a ser investigado ficou composto por 47 cidades pequenas e três cidades médias da Amazônia Legal.

Com os lugares escolhidos, tinha de definir os instrumentos e procedimentos de coleta de dados empíricos. Essa foi uma das etapas mais desafiadoras da organização da

³ Região composta por nove estados brasileiros – “Acre, Amazonas, Amapá, Rondônia, Roraima, Mato Grosso, Pará, Maranhão e Tocantins – que somam cinco milhões de quilômetros quadrados e representam 59% do território nacional” (LOBATO, 2017, p. 18).

pesquisa, pois no campo da Comunicação não havia estudos similares (com interações entre cidades), e na Geografia, os trabalhos eram voltados para outros serviços urbanos, como educação, comércio, saúde, etc. Isso exigiu que esquematizasse meu próprio “mapa metodológico”, tendo como referência aspectos da mídia e do jornalismo. Sistematizei então a pesquisa em quatro frentes: 1) mapeamento dos veículos de comunicação em funcionamento nas cidades investigadas; 2) entrevistas semiestruturadas com os jornalistas das cidades médias; 3) *survey* com os moradores das cidades médias e duas cidades pequenas do entorno; e 4) análise de conteúdo dos produtos jornalísticos das cidades médias.

Finalizado este processo, era o momento de ir à campo. Comecei o percurso em 2018 no Maranhão, em Imperatriz e nas cidades vizinhas. Na sequência, iria para o Tocantins, mas devido ao cenário da pandemia de COVID-19⁴ tive de limitar a pesquisa apenas ao território maranhense, pois não era seguro realizar os deslocamentos pelos municípios.

ENTRE A CIDADE MÉDIA E AS PEQUENAS: INCURSÕES EM CAMPO

Às margens do rio Tocantins, em Imperatriz, no Maranhão, comecei minha jornada rumo à realidade da comunicação midiática e jornalística no estado. Este início ocorreu no final de 2018 pelo mapeamento, isto é, a identificação dos veículos de comunicação (jornais impressos, emissoras de rádio AM, FM e comunitárias de baixa potência, emissoras de televisão, *sites* de notícias) em funcionamento no município. Consegui as informações em sites de busca na internet e em *mailings* pessoais de colegas jornalistas.

A partir desses dados, em fevereiro de 2019, entrei em contato (por telefone e pessoalmente) com os departamentos comerciais dos veículos imperatrizenses para solicitar informações sobre a área de cobertura/distribuição e, assim, traçar a direção dos fluxos informativos. De modo geral, as empresas jornalísticas foram solícitas e repassaram as informações com certa agilidade. Apenas as administradoras dos *sites*

⁴ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. O vírus foi descoberto em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan (China) e rapidamente se espalhou por todo mundo, causando milhares de mortes. Em fevereiro de 2022, data da conclusão desta pesquisa, a pandemia prosseguia no Brasil e em vários países, com o surgimento de uma nova variante, a Ômicron.

jornalísticos não forneceram os dados de origem dos acessos, o que inviabilizou a presença do mapa dos fluxos noticiosos na web na tese.

Somado a estes dados, solicitei as empresas informações sobre a programação jornalística (no caso de rádio e televisão), de gestão (se eram grupos de mídia, iniciativas isoladas, empresas estatais ou cooperativas profissionais) e a estrutura das redações (quantidade de jornalistas, funções e tipo de vínculo empregatício).

Ainda em 2018, comecei a mapear os veículos de comunicação das 18 pequenas cidades da região de Imperatriz. Inicialmente, as buscas foram realizadas na internet, mas devido à dificuldade de encontrar as informações, decidi ir pessoalmente até as “cidadezinhas”. A primeira que fui foi Ribamar Fiquene (mais conhecida como Sumaúma), localizada a 50 km de Imperatriz. Assim que cheguei ao local, fui para a casa de meus tios (onde fiquei hospedada) para deixar minha bagagem e organizar o material da pesquisa. Ali, meu intuito era, além de registrar as iniciativas midiáticas em atividade, aplicar os questionários de hábitos de consumo de informação com os moradores locais. Foi o que fiz! Comecei a abordar as pessoas nas ruas e praças do município, pedindo que respondessem à pesquisa. Como obtive poucas respostas nestes espaços, mudei de estratégia e resolvi ir de casa em casa. Ao chegar nas residências, me apresentava aos moradores e explicava sobre o doutorado, a pesquisa e o enfoque do estudo. Mesmo com a explicação, algumas pessoas ainda desconfiavam e queriam saber: “Mas essa pesquisa é do IBGE? Do Flávio Dino? Do Bolsonaro?”. Esclarecia novamente que se tratava de uma pesquisa científica, da universidade, sem ligações e/ou interesses políticos. Assim, entenderam melhor a proposta e aceitaram responder os formulários.

Durante a aplicação dos questionários, eu mesma fazia as perguntas e anotava as respostas, o que demandou mais tempo (dois dias) para a conclusão dessa etapa da investigação. Apesar disso, e do esforço vocal, percebi que foi importante adotar este formato, pois a maioria dos entrevistados não compreendia bem o que era mídia, jornalismo, informação e/ou notícia local. Eu precisava explicar da melhor maneira possível, a mais simples – a “informação local é aqui da cidade”, dizia. E deu certo. Ao final, consegui aplicar os questionários necessários e localizar uma rádio comunitária em operação na cidade. Na época, conversei com o jornalista responsável pela emissora para saber mais sobre a programação e a produção noticiosa.

Posteriormente, realizei entre janeiro e fevereiro de 2019, mais dez incursões no interior do Maranhão, percorrendo 16 cidades da região de influência de Imperatriz: João

Lisboa, Governador Edison Lobão, Campestre, São Pedro da Água Branca, Vila Nova dos Martírios, Cidelândia, São Francisco do Brejão, Sítio Novo, Montes Altos, Estreito, Porto Franco, Lajeado Novo, São João do Paraíso e Senador La Rocque. Em fevereiro de 2020 realizei minha última ida à campo, no município de Davinópolis, localizado a 12 km de Imperatriz. Em alguns desses locais, fui de transporte próprio, acompanhada por meu esposo, algum amigo ou irmão. Era uma forma de otimizar o tempo de deslocamento entre os municípios e favorecer a locomoção dentro da própria localidade. Além disso, estar acompanhada em lugares desconhecidos, como mulher, me proporcionava mais segurança durante a realização da pesquisa. Porém, isso nem sempre foi possível, pois visitei alguns municípios sozinha utilizando transporte coletivo (ônibus ou van).

Entre as cidades visitadas, Lajeado Novo foi a segunda que apliquei os questionários de consumo com os moradores. Nesse local, diferente de Ribamar Fiquene, contei com a ajuda do meu esposo e um amigo para fazer a aplicação, o que contribuiu para agilizar o processo. Chegamos pela manhã e, no início da tarde, por volta de 13h, já havíamos aplicado os 100 formulários. Observei nessa cidade que as pessoas eram mais desconfiadas, mesmo explicando a natureza e o objetivo exclusivamente científico da pesquisa, muitas pessoas se negaram a responder às questões. Também percebi que muitos entrevistados se autodeclararam lavradores, mesmo tendo outra profissão. Acredito que essa peculiaridade esteja relacionada ao receio de uma possível investigação sobre aposentadoria.

Durante as viagens, localizei basicamente rádios comunitárias e blogs em atividade nas pequenas cidades maranhenses. Os responsáveis pelas emissoras comunitárias não legalizadas me recebiam com desconfiança, pois achavam que eu trabalhava para a Anatel e iria fechar o veículo. Nestes casos, eu precisava gastar tempo explicando que se tratava de um trabalho acadêmico e convencendo-os da importância de falar comigo sobre a programação e a produção local de informação. Já nas emissoras legalizadas, os locutores e/ou diretores se mostravam mais receptivos e abertos em participar da pesquisa. Na rádio de Governador Edison Lobão, inclusive, o locutor me entrevistou ao vivo para saber mais sobre a pesquisa.

Também nas idas às cidades pequenas fui contatada por populares e mesmo entrevistados para saber como se ‘fazia notícia’. Interessados pelas perguntas dos questionários e percebendo que viviam em um deserto de notícias, queriam conhecimento. Na oportunidade orientei, cedi material e até mesmo, por insistência de

um entrevistado, revisei as primeiras notícias de um projeto de *blog* local. Estas situações, transversais ao meu objetivo de pesquisa, fazem ressaltar a necessidade de projetos voltados para a “alfabetização midiática” no interior. Muito deste trabalho pode ser englobado em projetos de extensão de cursos de Comunicação próximos a essas realidades.

De volta à Imperatriz, após visitar os pequenos centros, realizei minha última incursão em campo na cidade média com o objetivo de entrevistar os jornalistas das principais redações locais. As entrevistas foram realizadas entre os meses de fevereiro e março de 2019 com 17 profissionais dos dois jornais impressos existentes na época da pesquisa (*Correio e O Progresso*) e das três emissoras de televisão (*Mirante, Nativa e Difusora Sul*). No decorrer das conversas, descobri um dos traços mais proeminentes da produção jornalística em uma cidade média – a notícia local-regional, ou ‘polarizadora’⁵, como chamei na tese. Conheci as dificuldades que os jornalistas enfrentam para cobrir a região em um contexto de enxugamento das equipes nas redações e deslocamentos reduzidos até os municípios. E me surpreendi com os relatos sobre o uso do WhatsApp na cobertura regional, especialmente pela quantidade de grupos que alguns profissionais participavam (mais de 100) e tempo gasto com apuração das informações oriundas das localidades vizinhas. Com base nessas observações, sugeri ao final do trabalho a produção de um manual para os veículos jornalísticos das cidades médias, visando guiar e melhorar o atendimento das demandas regionais.

Por fim, como destaquei na tese, termino esta descrição com maior afeto pelas cidades, pelos lugares onde andei, pela comunicação, pelo jornalismo feito em escalas reduzidas. Preocupa-me realidades comunicacionais tão divergentes, existentes e invisíveis no Brasil. Por isso, sinto que minha caminhada acadêmica está apenas começando rumo a estes lugares, rumo a mais desvendamentos, mais contato, mais ensino, mais instrução, mais diálogo com a Geografia e a Comunicação.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Teresa. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). Cies e-workingpaper. 2009. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1319/3/CIES-WP60%20Duarte.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

⁵ São informações que envolvem ou afetam moradores das pequenas cidades do entorno regional por estarem relacionadas a serviços urbanos, instituições, eventos e atividades capazes de atrair pessoas da região para Imperatriz.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

IBGE. **Regiões de Influência das Cidades 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

LIMA, Juscelino Gomes. **Cidades Médias Brasileiras a partir de um novo olhar denominacional e conceitual**: cidades de comando regional. In: Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Enanpur), XVII, São Paulo, 2017. *Anais*. São Paulo: ANPUR, 2017.

LOBATO, Elvira. **Antenas da Floresta**: A saga das TVs na Amazônia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

OLIVEIRA, Fabiana Luci. **Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica**: vantagens e desafios. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 133-143, maio/ago. 2015.

REIS, Thays Assunção. **A cidade de notícias**: um estudo do jornalismo de influência regional de Imperatriz no Maranhão. 2022. 257 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SPOSITO, Maria Encarnação. Entrevista: Maria Encarnação Sposito fala sobre redes urbanas e cidades médias em Chapecó. Chapecó: UFFS, 2017. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/campi/chapeco/noticias/entrevista-maria-encarnacao-sposito-fala-sobre-redes-urbanas-e-cidades-medias-em-chapeco>. Acesso em: 07 de mar. 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.